

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMENT / ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Uma Carapuça

Transcrição do jornal «O Cavado» de
Espozende—n.º 687—de 7 de Maio cor-
rente, do que pedimos vênia.

Vida moral

Insultar, injuriar ou difamar são coisas, entre nós, infelizmen-
te vulgares. Poucas são as pessoas que atentam nos graves pre-
juizos resultantes de uma calúnia, de uma intriga ou de uma men-
tira espalhada adrede. Daí o haver gente que parece ter, como úni-
ca profissão, o lamentável ofício de dizer mal do próximo, inven-
tando atoardas a seu respeito, com o exclusivo objectivo de lhe
ofender o bom nome.

É tudo isto porquê? Muito simplesmente porque a brandura
proverbial dos nossos costumes faz esquecer, á maioria do público
quanto vale uma reputação.

Ora o seu valor é inestimável, porque se é certo que todos os
prejuizos materiais podem ser reparados, outro tanto não se pode
dizer dos prejuizos morais. O próprio povo costuma sentenciar que
não há água capaz de lavar as manchas da honra.

Apesar disso é com facilidade pasmosa que se atiram todas
as atoardas e insinuações sobre a personalidade de qualquer pes-
soa. E o caso é que há sempre quem acredite no mal, quem espalhe,
de boa ou má-fé, as maiores torpezas e vilanias.

Basta um indivíduo mal-intencionado lembrar-se, por vício,
espírito de vingança ou feitiço rancoroso, de levantar á volta de
qualquer pessoa uma intriga ou uma invenção, para meio mun-
do lhe seguir as pisadas, sem querer saber se é verdade ou menti-
ra o que ouviu. Louvores poucos se apressariam a divulgar; in-
fâmias, todos as propalam sem exame prévio e sem respeito pela
dignidade alheia. A mecânica deste fenómeno aparentemente para-
doxal explica-a um autor doutíssimo, ao afirmar que «**não po-
dendo elevar-se até ao homem honesto, o caluniador procura, difamando-o, abaixa-lo até si.**»

A maior parte do público age assim, confiada na impunidade
e sem atentar, ao menos, que, conforme acentua um jurista
de renome, «os sofrimentos morais não são inferiores aos prejuizos
materiais». Pelo contrario, a lesão ocasionada pelo difamador a uma
terceira pessoa pode aniquilar-lhe a felicidade ou as melhores pos-
sibilidades do seu futuro. Quem acusa injustamente um indivíduo
de falatório ou deshonesto, de pouco escrupuloso, ou charlatão, com-
promete gravemente a sua reputação, impossibilitando-o de ganhar
com honra a vida ou roubando-lhe a estima geral. Ora isto consti-
tue uma lesão dos direitos alheios, tanto mais perigosa quanto é
certo ser impossível — no entender de um conhecido tratadista por-
tuguês — «um dano moral que não tenha o seu reflexo no patrí-
mónio», visto a dor moral tornar «a pessoa que a sofreu inapta pa-
ra o trabalho.»

Reconhecendo o perigo social do caluniador de profissão, os
romanos costumavam — segundo narra um autor antigo — marcar
com ferro em brasa, na testa destes indivíduos, dois C. C. que pu-
nham de sobreaviso o povo:

Cave calumniatorem — acutela-vos contra este caluniador.

H je semelhante processo, embora expedito, já não se pode
usar. Mas nem por isso há o direito de deixar sem castigo esta es-
pécie de miseráveis detractores da honra alheia. Uma vez que — di-
lo Theatides — «não há espada tam aguda para ferir como a calú-
nia para ofender» a jurisprudência contemporânea tende a castigar
com pesadas indemnizações todos aqueles que ocasionam qualquer
dano moral ao seu semelhante. Embora não constitua o preço da
dor, a indemnização representa uma compensação para a vítima
inocente do difamador e uma penalidade para aquele que se es-
quece que não há o direito, em circunstância alguma, de afectar com
suspeições ou invenções sem valor probatório o bom nome
alheio.

Só no dia em que isto se fizer com rigor e com justiça, sem
transigências nem contemplações, é que as pessoas de bem poderão
respirar e estar ao abrigo das investidas dessa fauna detestável e
nociva, que a toda a parte leva a mentira, o desassocego e a ini-
quidade.

MARIO GONÇALVES VIANA

NOTA: — Também temos por cá — infelizmente
— desta gente sem escrupulos, mas que pouco a pou-
co havemos de desmascarar.



Nossa Senhora da Franqueira

A Peregrinação à Franqueira

Podemos garantir que — segundo opinião do Ex.º Arcipreste
P.e Rio Novas—este acto de fé e crença católica, este ano, vai ser
bastante concorrido.

Esta opinião é baseada na boa vontade que o digno Prelado
d'esta diocese tem em querer que todas as manifestações publicas
da religião católica, sejam sempre por ele presididas.

De facto a presença de Sua Ex.ª Rev.ª não só vem dar
maior realce a estes actos de culto, como incutem mais respeito e
fazem com que todos os crentes venham ali prestar a sua homena-
gem á Virgem Mãe Maria Santíssima, a que nós lá no Alto cha-
mamos Nossa Senhora da Franqueira.

E' preciso pois que desde já os dignos parocos vão prepara-
ndo os seus paroquianos para que não faltem a esta peregrinação e
tragam con-igo todas as confrarias das suas freguesias fazendo-se
acompanhar de todos os estandartes ou bandeiras.

Assim se espera.

“Ecoss da Franqueira,”

Encontram-se na C.ª Editora do Minho,
Barcelos, os recibos, dos assinantes deste
Semanário a quem pedimos encarecida-
mente o obséquio de os procurar, afim de
nos evitar as despesas do correio.

Considerações oportunas

A susceptibilidade

Antes de mais nada peço aos caros leitores toda a indulgência para o revisor das provas que, no último numero, deixou passar uma *gralha*, tão grande, que parece impossível não a ter visto, quando ela se via mesmo sem óculos. Não matando a *gralha*, que qualquer caçador facilmente atingia, obrigou-me a dizer, logo no principio do artigo, que a vaidade tinha motivos que se justificavam! Ora que haja mais cuidado. Já bastam os preguiçosos do erro que por aí ha.

A susceptibilidade, má qualidade que se encontra, a cada passo, em muita gente, é irmã da vaidade, de que falamos no ultimo numero, e ambas são filhas do mesmo orgulho. Quem infelizmente possui esse defeito, isto é, a facilidade com que se sente, melindra, desgosta, tudo se formaliza, por uma simples palavra, repreensão, contrariedade, deve empregar todos os meios para se curar d'um tão grande mal, que não só a elle afecta, mas incomoda a todos quantos com elle têm de tratar. A propósito diz S. Francisco de Sales, o grande mestre e incontestável autoridade no assunto: «A demasiada delicadeza, que qualquer tem com a sua reputação, facilmente faz com que elle a perca inteiramente, porque essa vivíssima sensibilidade torna um homem bizarro, sedicioso, inconfortável, provocando contra si a malicência».

E então o grande mestre dá como remédio mais eficaz, o *desprezo*, a que se deve votar uma calunia ou malicência, remédio mais eficaz do que o resentimento, a contestação e a vingança.

A pessoa demasiado susceptível não tem repouso de consciência: nunca está socogada; de todos desconfia, suspeita mal, forma juízos temerários; por isso, não tem verdadeiras alegrias, é um infeliz.

Se não sente socêgo na própria consciência, muito menos pode experimentar repouso com os seus superiores, de quem desconfia sempre, de quem suspeita mal, a quem não obedece, pronta e docilmente. Os superiores, advertindo-o, aconselhando e repreendendo-o, cumprem o seu dever; vêem, a uma certa distância, defeitos, que não descobre o que está iludido, cego, escravizado pela susceptibilidade.

Mas além de não ter socêgo com a própria consciência, nem com os seus semelhantes, iguais ou superiores, o que é demasiado susceptível não tem, nem pode ter repouso relativamente a Deus. Que união com Deus pode elle esperar, se anda constantemente agitado pelas paixões que acompanham a susceptibilidade? Deus é todo paz, e elle está sempre em guerra; Deus é todo caridade, e o susceptível está sempre em discussão; Deus é humilde, elle é orgulhoso; Deus é indulgente e misericordioso, elle não sabe desculpar, nem perdoar.

Que remédio eficaz, para combater e vencer em tão grande mal, não é a humildade, que, no dizer de Bernardo, é o desprezo de nós mesmos, pelo conhecimento de nós mesmos!»

Agora que estamos no mês consagrado a Maria, sempre humilde, peçamos-lhe a graça de a podermos imitar. Peçamo-lo e façamos exercício da humildade, sempre e em tudo.

SILVIO.

Auxiliar a Boa Imprensa é o dever de todo católico o sincero.

Crónica da Semana

As grandes necessidades actuais. — Não nos referimos com este título às necessidades económicas. Estas são grandes, não há dúvida, e tão, infelizmente, em realidade que todos as sentimos e para as quais não é fácil encontrar remédio. E' um problema complexo que, por depender de muitos factores, não pode ter solução rápida.

E' como as grandes epidemias, tem o seu curso e vai-se delibando pouco e pouco.

Referimo-nos às grandes necessidades morais. Temos que olhar com os olhos preventivos para a juventude. Temos que olhar com olhos decisivos para as classes trabalhadoras. Temos que olhar com olhos de conciliação e agregação para as elites cultas. Temos que olhar com olhos de comizeração para os velhos e inutilizados, a quem a falta de recursos materiais redobra o sofrer.

E' um trabalho imenso de organização que está diante de nós, trabalho de educação, trabalho de moralização, trabalho de cristianização. Afinal é um trabalho de pôr em prática, adaptando-os às modalidades da vida moderna os preceitos da religião, porque nêles está tudo.

Há quem opine que os nossos principais cuidados na hora presente deverão convergir para as juventudes, na preparação de um futuro melhor. Boa teoria com largos e prometedores horizontes. Mas a juventude está em contacto immediato e permanente com a idade adulta, e, se não tratarmos de sanar esta, ella continuará a contaminar aquella por mais desvelados que sejam os nossos esforços.

As grandes necessidades actuais carecem de ser esmeradas tôdas de frente e para tôdas procurar-se o remédio possível. Assentar em bases seguras e começar a construção do edificio com a divisão seleccionada do trabalho. Não devem todos os operários dar o seu esforço, para tôdas as obras. A divisão do trabalho é uma grande lei. Trabalhemos todos mas cada um no campo que superiormente lhe fôr destinado.

A publicação destas linhas visa a preparação do terreno. Há muita gente que ainda vive na doce ilusão de que tudo vai bem e não há precisão das organizações de que ultimamente se tem falado. O mundo sempre se governou sem ellas, não há de agora desequilibrar-se com a falta destas inovações..

Há quem ainda assim pense. E a ilusão é tão doce!... O pior é que não dura sempre e as realidades da vida são por vezes bem crueis. Os remédios são conforme as doenças. A sociedade inferna actualmente de um estado de dissolução, a que só uma reorganização profunda pode atalhar. Deixemo-nos de ilusões, cuidemos do mal com a terapêutica moderna. Unámo-nos para vencer os que, unidos, vêm contra nós. Um exército indisciplinado não conduz à vitória. Cerremos fileiras, obedecemos aos chefes e... para a frente.

Protecção às Raparigas. — Cá está uma das grandes necessidades, da actualidade. No numero anterior da *Cruzada* transcrevemos parte de um relatório, hoje continuaremos, respigando de outro, ultimamente publicado, alguns períodos bastante elucidativos. E' necessário que a obra seja bem conhecida, para que se desenvolva e progrida em muita parte. Só não lhe reconhecerá utilidade quem não a conhecer. E' uma instituição que deve ter correspondentes em tôdas as freguesias da Arquidiocese. Consigam isso os Rev.^{os} Párocos e prestarão um ótimo serviço. Escolham uma senhora digna e mandem o nome para o Camara eclesiástica. Segue a transcrição:

«E vem para Lisboa, ao calhar, desamparada! Com uma morada na algebeira, um

aúncio cortado do jornal, ás vezes nem isso!

Com 15, 16, 20 anos, chegando sósinha terra estranha, quando se vem cansada e se começa a extranhar e a sentir saudades, quando a grande capital se revela tão diferente da simples aldeia em que sempre viveu, diante de horizontes que fogem, de ruas que desconhecem e de indeferentes que passam sem fazer caso, que admira que se acredite na sinceridade de alguém que se apróxima com boas palavras... E nem sempre acontece estar ali a empregada da Protecção.

Nas estações há aves de rapina que se lançam sobre a prêza com a avidez das feras. Quantos casos assim! Percorrei essas ruas, olhai para as montras, para os anúncios, para os placards! Reparai nas livrarias, nos monumentos, nos transeuntes! Por toda a parte a tentação!

E' preciso, é indespensável que não haja uma única rapariga em Lisboa ou em Portugal que não saiba que a casa da Protecção está sempre aberta para as receber, que aqui se encontra carinho, apoio, conforto, auxílio material e moral. E' preciso que a casa da Protecção seja um farol abençoado, chamando a todas, mostrando o caminho, guiando os passos de todas as raparigas.»

Continuaremos a transcrição.

Fátima. — O movimento relogioso operado em Fátima por intermédio da devoção a Nossa Senhora é verdadeiramente extraordinário e consolador. Extraordinário porque movimenta para lá uma corrente de fiéis que ascende annualmente a muitas centenas de milhares e pelas curas miraculosas lá operadas; consolador porque ainda há anos a região do centro do país era caracterizada por uma frieza religiosa que desalentava, e o culto de Nossa Senhora em Fátima veio reacender a fé e dar à região estorelizada um vigor de crença que anima e dá fundas esperanças de um Portugal melhor.

O dia 13 de Maio é um dos preferidos para as grandes peregrinações a Fátima, por recordar uma das aparições de Nossa Senhora. Este ano, como os anteriores, foi este o dia da grande romagem.

Que com o calor da fé que vivifica as almas e com a terna devoção a Nossa Senhora, Portugal se recristianize, se levante aos olhos de Deus e do mundo!

Curso de Religião. — Teve no passado domingo a sua terceira reunião no Salão Recreativo de Braga esta utilíssima instituição para senhoras. Fez uma muito bem elaborada conferência acerca da existência de Deus a Ex.^{ma} Senhora D. Aida de Sousa, a qual produziu funda e gratíssima impressão. O assunto foi depois largamente discutido com o que bastante lucraram as assistentes, que eram em grande numero.

Um dos piores males da nossa época é a falta de conhecimentos bastantes da religião. A catequese infantil é apenas a semente lançada à terra. E' indispensável a continuação do ensino religioso e, quanto possível na forma apologética, quantas pessoas ilustradas com grande cópia de conhecimentos humanos, mas que não sabem defender a sua religião!

Felizmente estamos num despertar bem animador. A ciência da religião está fazendo progressos das juventudes e nas idades adultas. Melhora-se o presente e prepara-se o futuro. E' a reconstrução da casa que estava em meio abandono. Deus estava semi-esquecido.

A catequese infantil, a catequese aos adul-

tos, os cursos apologeticos, eis o programa! Fazer com que a divina semente caia em corações bem preparados, dar-lhe desenvolvimento, torná-la apta a produzir belas flores e óptimos frutos, eis a grande finalidade!

A questão operária.—De um discurso pronunciado à memória de D. Bosco:

«Vivendo no século das questões operárias do coletivismo de Marx e do comunismo de Proudon, percebem que entre os erros da-

quelas doutrinas existia alguma coisa de justo e correspondente às aspirações gerais do proletariado, e insurgiu-se corajosamente contra os especuladores das almas pobres trabalhadores, recordando aos ricos as palavras de S. Mateus—que eles são apenas os tezeiros dos nobres e não os senhores absolutos das riquezas.»

Poucas palavras que bem desafiadas, dariam um grande discurso de doutrina candente, de oportuníssima actualidade! Meditemos todos nelas, que há nelas muito que aprender.

Recebi ontem notícia
Que a *sofrera* com paciência.—7

Nuno 4.º

ENIGMA

O facto de ser Pedro a meu padrinho o devo, Assim como à madrinha, a qual de acordo foi; Embora o meu papá quizesse eu fosse Eloi. E a minha pobre mãe quizesse em mim um *Estevo*.

Porém, meu *apelido*, o qual aqui não 'screvo, E quem para o saber empenho faz, se móe; Direi não tẽ-lo tido igual nenhum herói, O que garantir posso e a tanto aqui me atrevo.

Dos pais não dependeu, mas sim de minhas tias, Que os nomes seus unindo a muito gôsto seu, D'um luzo cardeal tornei-me um dos charás;

E. caso extravagante, há quinze ou vinte dias, A' minha atenção chama um velho amigo meu, Que lido sendo contra, o que é... *concluírás*.

Lebricho

VARIETADES

AS DUAS ROSAS

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa
Ardeu séculos a guerra
Em Inglaterra.

Paz entre as duas jámais!
Reinar ambas as rivais,
Também não; e uma ceder
Como há-de ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
El-las aqui bem iguais,
Mas não rivais.

Atei-as em laço estreito:
Que artista fui, com geito!
E oh! que lindas são, que amores
As minhas flôres!

Dirão que é copia;—bem sei:
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do meu semblante...

Será. Mas se é tão belo
Que lhe dêem esse modelo,
Do meu quadro, não verdade,
Tenho vaidade.

V. Almeida Garret.

Nunca nos arrependamos...

De haver { levado uma vida boa
feito bem à humanidade
sido caridosos com os pobres
escutado em antes de julgar
pensado em antes de falar
praticado pensamentos nobres
conservado princípios puros
perdoado a quem nos ofendeu
sido generosos para com o inimigo
sido rectos em nossos negócios
lido com atenção *A Cruzada*.

Reflexões de uns e de outros

Se o pé de vento tivesse calos, não correria tanto como corre.

Um que *sofre de calos*.

Que infelicidade! Pagar a meus filhos o que devo a meus pais...

Um *caloteiro*.

Que contrasenso... Chamo-me Boaventura e sou o mais infeliz dos homens.

Um *desgraçado*.

Dizem que a América foi descoberta por Cristóvão Colombo. Pois sim: não tivesse elle olhos, a vêr se a podia descobrir,

Um *cego*.

De quem são mais próprios os peixes

- Da rainha, o rei.
- Do rei, a rainha.
- Da igreja, o clérigo.
- Do homem, a mulher.
- Da exército, o soldado.
- Do veloz, o voador.
- Da beleza, o bonito.
- Do navio, o capitão.
- Do jardim, o lírio.
- Do serrador, a serra.
- Do escritor, o linguado.

NOTA ALEGRE

A mamãe ao Juquinha, severamente:
Que fizeste à fatia de pão de ló que es-tava em cima da mēsa?

—Dei-a a um menino que estava com fome e que ficou muito contente com ela!...

—Anda cá, meu amor, dà-me um beijo. Que bom coraçãozinho que tu tens!... E quem era o tal menino?

—Era eu...

Tenho um netinho que é todo encantos pela esperteza que revela.

—Como assim?

—Imagina, que tem sete mēses apenas e já sabe espirrar.

Da minha cabeça

Secção charadística
CHARADAS

EM VERSO

Morreu o José Miguel
Tudo chora a sua morte,
Vê-se chorar a consorte,
Chora o filho Manuel.

O seu compadre Ismael
Ninguém há que o conforte;
Perdeu n'el' o guia e o norte
Do seu tão fragil batel,

A *parenta mais chegada*,—3
De quem carpe rodeada,
Que *não chore* ninguém crê.—2

Quem não chora com certeza,
E' *d'enterros a empreza*
Que d'elles tratar se vê.

Lebricho

SINCOPADAS
(por letras)

5—Assim como de *"mulher"* é o *apelido*...4
5—Também o *apelido* é do *"homem"*.—4

H. Raio

(por silabas)

3—Chegou hontem de Florença
Um conhecido esculápio
Para saber a *doença*
De que morreu o *batráquio*—2

Madre Helena.

3—Destruir o *arbusto do Brazil* é um *pecado*.—2
3—Esta *ave* custou-me uma *moeda*—2
3—O *navio fenae* as ondas—2

L. Heitor

EM FRASE

Tem a *primazia* este *peixe* sobre o *mamífero*.—1—2
E' tão perfeito o *desenho* que não se *"nota"* ser *impresso*.—3—1
—Veja se *descobre* no *"Minho"* esta *relação*.—3—2

Miss Iva

(ELECTRICA)
(por letras)

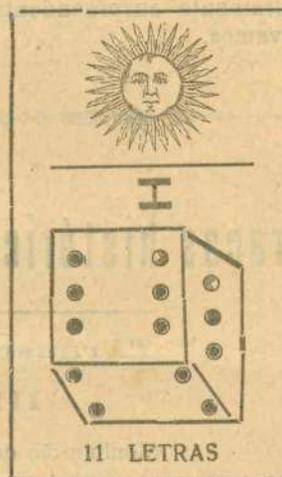
A *fecula alimenticia*
Qu'impuzeram à Gaudência

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Com *Geraldo* passear
A' vila de Montemór,
Iremos, *se nos* levar
Num Citroën ou num *Ford*.

Lebricho

ENIGMA TIPOGRAFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 19, são. Lizamente, Diabo, Atrocidades, Tectotónica, Cardamomo, Alcance-alce, Diana-Dina, Querido-queda, Novela-novêlo, Oblata-Oblato, Cidade, Miranda do Corvo e Condescendentes.

Lebricho.

Uma trágica batalha de ursos

Num circulo de Marselha desenrolou-se um espectáculo pouco comum. Trabalhavam dentro de uma jaula circular quinze ursos brancos. A assistência seguia, entusiasmada os trabalhos das fêras.

De repente, sem que ninguém pudesse saber porque, os ursos abrem entre eles, uma batalha de morte. No meio de ruidosos urros, que punham calafrios, na espinha dos assistentes, as fêras atiravam-so umas às outras numa batalha furiosa.

Umás rolavam no solo, enquanto outras victoriosas, lhes cravavam as unhas e os dentes nas carnes. A batalha durou alguns minutos e foi preciso uma enérgica intervenção dos guardas para lhe pôr fim. Quando findou o cruel combate, uma das fêras jazia morta e alguns guardas estavam vivamente feridos. Extraordinário? E não o serão muito mais as lutas que os homens fazem entre si, todos os dias?

A's vezes essas lutas são brutais que as das mesmas fêras, que não há féra mais brutal, que o homem sem Deus.

Museu Municipal

Consta-nos que está para breve a sua inauguração, afirmam do-nos que o nosso amigo Augusto Soucasaux, que tem sido o seu organisador, não se tem poupado a trabalhos e grandes esforços para que esta inauguração se faça dentro em breve e com o maior realce possível.

Como barcelense que somos antecipadamente damos os nossos parabens ao Sr. Soucasaux.

Liceu Municipal

Segreda-se para ahi com toda a insistencia que não se creará n'esta cidade este estabelecimento de ensino, conforme foi resolvido.

Será feita a vontade aos intrusos que em carta já se mostraram contra esta iniciativa?

Ainda havemos de falar d'este assunto quando houver melhor oportunidade.

S. João em Barcelinhos

A rapaziada de Barcelinhos já se constituiu em comissão para levar a efeito as festas joaninas no corrente ano.

Dizem-nos que o programa das festas promete numeros de efeitos verdadeiramente surpreendentes.

A vêr vamos.

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

III

(Continuação do número 36)

Os romanos expurgaram a Espanha do dominio, punico, ficando os fenícios sem protectores e limitando-se por isso ás terras por eles invadidas no principio.

Sufreram a sorte dos vencidos.

Apz os gregos vieram os cartagineses. Estes entraram, não como colonisadores, mas como conquistadores.

Hamilcar, tendo sido expulso de Cartago, entra em Espanha com um exercito, afim de conquistar este imenso e rico território. Os povos celtiberos levantam-se contra os invasores, e trava-se uma luta pertinaz de nove anos entre eles e o general cartaginez.

Os luzitanos scodem aos seus irmãos. Hamilcar, temendo este importante reforço, vem em pessoa bater os nossos inimigos, e n'um combate sanguinolento morre ás mãos d'aquella bravo povo!

Asdrubal tomou o comando das tropas invasoras, e proseguiu na luta, com melhor exito; mas ignora-se se tirou desforra do castigo que as tropas lusitanas infligiram ao sogro.

O nosso general é assassinado por um etravo gaulez, vindo a mandar as tropas invasoras Anibal (filho de Hamilcar).

O dominio cartaginez fortaleceu-se com a vinda d'este celebre general, que esteve prestes a dominar toda a Europa.

Também lemos, mas não acreditamos

Todos os pretextos servem e quando os não há, inventam-se, para que certa imprensa, que para aí vive do ódio à Igreja e aos Padres aliamente a sua campanha indigena e diabólica de insultos e calúnias, que cria no nosso povo simples e bom os hábitos de malcreidez e sectarismo que nos envergonham aos olhos dos estrangeiros.

Lemos há dias num jornal de Lisboa, que a Republica usurpou o nome, a terrivel acusação de que Mgr. Silveira Barradas, prégando na vila de Redondo dissera o seguinte: «O mundo só se indireitava, restabelecendo-se a Inquisição do século XVI».

Via se pela aragem o que trazia a carruagem...

A calunia era evidente, para quem conhece a intelligencia, a cultura e o simples bom senso de Mgr. Silveira Barradas.

Transcrevemo o correctivo que a calunia applicava o ultimo numero da «Defesa».

«No sermão sobre a caridade, que pouco há o nosso director prégou no Redondo, não houve uma só palavra que, directa ou indirectamente, pudesse ter uma tal interpretação, nem mesmo nada com isso, sequer de longe.

Só profunda maldade ou uma ignorância bem alvar, as coisas juntas, podem afirmar tal coisa. O mais natural é que alguém se quizesse rir á custa de a República (jornal, é claro) e mostrar aos redondeses a ligeireza das acções que elle faz, sem se dar ao trabalho de se informar bem, como é próprio de pessoas sérias.

Os povos luzitanos chamam em seu auxilio o povo mais poderoso do mundo.

Anibal fez da Espanha e Luzitania o centro mais importante das suas operações contra Roma.

Enio e Cornelio são enviados á Espanha; mas foram derrotados pelas tropas do habil general cartaginez.

Sucede-lhes Publio Scipião, filho de Cornelio, o qual toma de assalto Cartagena, o arsenal de guerra de Anibal, e expulsa definitivamente da Espanha e Luzitania os cartagineses, que não mais voltaram a elas.

Parece impossivel que este facto escapasse á profunda critica de Herculano.

O dominio punico durou desde Hamilcar até seu filho Anibal, por isto foi passageiro e não podia influir de maneira alguma nas raças celtiberas e luzitanas.

Os cartagineses, além da sua crigem semitica tão avessa ás raças europeas, entraram como conquistadores; e, como taes, seiram repellidos pelos povos.

Os cartagineses, para se radicaram na península, precisaram pelo menos de tantos seculos, quantos foram precisos aos arabes apesar de estes possuirem um grau de cultura muito superior e terem aptidões que não possuiram os fenícios nem os seus irmãos de Cartago.

Um ou dois séculos, era pouco para confundiram ou misturarem com o sangue das raças indo-europeas e celtiberas da península hispanica.

Além disso, que influencia exerceram estes povos na literatura, ciencias e artes ou no mundo intelectual da Espanha e Luzitania? Não encontramos vestigios alguns sensiveis.

Nada lhes devemos n'este campo.

E' portanto gratuita toda a opinião que pertenda derivar-nos dos fenícios e cartagineses.

(— Fim da terceira parte —)

(Continúa)

Fra. Casil.

Carvalhal, 16-5-1933

Prossoguem com entusiasmo os trabalhos do transporte da pedra para o calcetamento da estrada do lugar de Maréces à igreja parochial do Carvalhal. A semana finda trabalharam os seguintes Snrs: Albino Francisco do Jardim, Felício F. Ferreira, José Joaquim Gonçalves e Manuel Gomes Franqueira; o Snr. José de Carvalho Ferreira, que fez 31 carrêtos, António G. Pereira (30 carrêtos) e Domingos B. Cardoso (8 carrêtos).

É pena que não nos tivessem fornecido uma lista com todos os carrêtos. Ao digno cantoneiro da estrada pedimos o obséquo de nos enviar uma relação para ser publicada neste semanário, favor que desde já agradecemos.

E' bom que se saiba que aos lavradores desta freguesia se ficará devendo um grande sacrificio e a publicação do número de carrêtos, servirá também de estimulo.

—No preterito domingo houve na nossa igreja parochial, o piedoso exercicio da Hora Teresiana e Comunhão geral das crianças da Cruzada Eucaristica.

—Partiu para Braga afim de fazer o serviço militar em Cavalaria 9, o nosso prezado assinante de Barcelos, Snr. José Gonçalves Figueiras.

—No fim deste mês partirá para Lourdes o nosso pároco que vai no propósito de descansar na cidade da Vigem uns 2 meses e de fazer um tratamento especial nas caldas de Lamalou-les-Bains.

Oxalá obtenha optimos resultados, para se dedicar novamente ao munus parochial.

Diz ainda o tal jornal sem ideias que esse «ministro de Deus não esclareceu se a inquisição se torna necessária...etc.»

Esclarecemos agora. Não julgamos a inquisição necessaria e, se tivéssemos de a tolerar era só para o caso de ella punir os jornalistas que por dois contos de reis por mês se vendem á Moagem para atraiçoar os interesses do Povo e que á frente de bandos de sicários mandam assassinar padres inermes e beneméritos.

Com os métodos de repressão moderna, essas infâmias infelizmente ficam impunes...

**Propagando a Boa Imprensa
cumprireis
o vosso dever**